

INFORMATIVO

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018 Janeiro N° 254

PRINCIPAIS EFEMÉRIDES BRASILEIRAS DE ANOS TERMINADOS EM 8

- 1648 Em 19 de abril, 370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes.
- 1668 350 anos do Tratado de Paz e Amizade entre Portugal e Espanha (13 Fev) que reconhece a Amazônia como sendo portuguesa.
- 1698 320 anos da origem do ensino militar no Brasil: uso e manejo da Artilharia no Rio de Janeiro.
- 1808 210 anos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil.
- 1828 90 anos da Convenção de Paz assinada no Rio de Janeiro: independência do Uruguai.
- 1838 180 anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB, Rio).
- 1868 150 anos das vitórias em Humaitá, manobra de Piquisiri, Dezembrada e ataque a Assunção, na Guerra do Paraguai.
- 1888 130 anos da Lei Áurea.
- 1908 110 anos da Lei do Serviço Militar, que o tornou obrigatório.
- 1918 100 anos da extinção da Guarda Nacional.
- 1958 60 anos da conquista da Copa do Mundo de Futebol na Suécia.
- 1968 50 anos da instituição do Projeto Rondon.



UMA POESIA GAÚCHA

- Pingos - de Guilherme Schultz Filho

Em cada ronda da vida eu tive um pingo de lei. Montado, sou como um rei, pelo garbo e o entono. Cavalo pra mim é um trono: e neste trono me criei.

De piazito já encilhava um peticinho faceiro, que era cria de um overo e de uma eguinha bragada: era da cor da alvorada o meu petiço luzeiro!

Rosado como as manhãs, do pelo da própria infância, mascando o freio com ânsia, parece que até sorria... Chamava-se "Fantasia" e era a flor daquela estância.

Já mocito, o meu cavalo
era um ruano, ouro nas crinas,
festejado pelas chinas
que o chamavam - "Sedutor".
Formava um jogo de cor
sob os reflexos da aurora
co'os cabrestilhos da espora
e os flecos do tirador.

Naqueles tempos de quebra, nos bolichos, ao domingo, sempre floreando meu pingo todos me viram pachola com o laço a bate-cola e virando balcão de gringo.

O meu cavalo de guerra chamava-se "Liberdade"! Chomico! Quanta saudade me alvorota o coração! Era um mouro fanfarrão, crioulo da própria marca e eu ia como um monarca na testa de um esquadrão.

Em uma carga das feias (como aquela do Seival) o mesmo que um temporal rolamos por um lançante e até o próprio comandante ficou olhando o meu bagual.

Homem feito e responsável, o meu flete era um tostado, tranco macio, bem domado, (êta pingo macanudo!) desses que "servem pra tudo", segundo um velho ditado.

Mui amestrado na lida, um andar de contra-dança; de freio, era uma balança, campeiro, solto de patas... Gaúcho, mas sem bravatas, e o batizei de "Confiança"

O cavalo que encilho nesta quadra da existência, dei-lhe o nome de "Experiencia". É um picaço de bom trote e levando por diante o lote rumbeio à Eterna Querência.

E, assim, vou descambando, ao tranco e sem escarcéu, sempre tapeado o chapéu por orgulho de gaúcho, e se Deus me permite o luxo entro a cavalo no céu!

(em caso de dúvida sobre as palavras e expressões gaúchas consulte o editor pelo lecaminha@gmail.com)



VOCÊ SABE A ORIGEM DA EXPRESSÃO

"Ainda há juízes em Berlim!" ?

Poucas expressões ou frases ilustram com igual força e convicção a crença na Justiça para enfrentar a arbitrariedade, como a que encima este artigo. O episódio teria ocorrido no século XVIII e foi narrado por François Andriex (1759-1833) no conto "O Moleiro de Sans-Souci". A frase teria sido pronunciada por um moleiro alemão e dirigida a ninguém menos que o Imperador alemão Frederico II o Grande.

Frederico II era um dos monarcas do século XVII, caracterizado como "déspota esclarecido". O Imperador era um homem de letras, culto, grande colecionador de arte francesa, escritor com pretensões a <u>filósofo</u> e amigo de <u>Voltaire</u>, com quem mantinha correspondência.

Muito afeiçoado à cultura francesa, escreveu suas memórias nessa língua.

Tendo mandado construir um palácio de verão em Potsdam, próximo a Berlim, escolheu a encosta de uma colina, onde já se elevava um moinho de vento, o Moinho de Sans-Souci ("sem preocupação"), nome que decidiu dar ao seu palácio.

Alguns anos após, tendo resolvido aumentar algumas alas do palácio, e precisando então avançar sobre o terreno onde se encontrava aquele antigo moinho decidiu comprá-lo.

Chamado o moleiro, o rei fez-lhe a proposta de comprar o moinho e a propriedade. O moleiro recusou, argumentando que não poderia vender a casa na qual seu pai havia falecido, que lhe deixara por testamento, e onde seus filhos nasceriam e se criariam.

O imperador então falando a linguagem da arrogância e da arbitrariedade insistiu na sua oferta acrescentando que, se quisesse, podia simplesmente tomar-lhe a propriedade Coube então ao aldeão simples, com firmeza e dignidade dar a resposta que ficou registrada nos anais históricos da humanidade:

"Isso seria verdade, se não houvesse juízes em Berlim!"

Para o moleiro, a Justiça protegeria seu direito, pois não levaria em conta na sua decisão as diferenças sociais e de poder, mesmo em uma monarquia, mesmo num litígio em que um moleiro confrontava um imperador.

Sua corajosa resposta, que só chegamos a tomar conhecimento, em razão do recuo respeitoso do rei – déspota, mas esclarecido - passou a ser lembrada para demonstrar uma situação de respeito à liberdade e de confiança do cidadão na independência do judiciário.

O moinho, até hoje existe e, sempre que um juiz corajoso se posiciona com independência e justiça frente a uma arbitrariedade, a expressão "ainda existem juízes em Berlim" é usada para ilustrar situações em que o Judiciário deve limitar o poder absoluto dos governantes.

(FONTE: http://www.culturademocratica.com.br/ainda-haacute-juiacutezes-em-berlim.html)



"A Intentona Comunista de 1935 no contexto da Revolução Socialista Permanente"

General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva

O lançamento do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848, contribuiu para expandir a ideologia comunista. Anos depois, foram criadas organizações afins nas sucessivas Internacionais Socialistas, que reuniam distintas tendências da revolução socialista mundial.

A III^a Internacional, realizada em Moscou em 1919, ficou conhecida como a Internacional Comunista (IC). Ela criou o Comitê Internacional (Comintern), órgão do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) encarregado de disseminar a revolução socialista, criando partidos afins em diversos países. Em 1922, nasceu a Seção Brasileira da Internacional Comunista, origem do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e de sua futura dissidência, o Partido Comunista do Brasil, após a cisão em 1962.

Para se filiar à IC, a Seção aceitou as 21 condições impostas pelo Comintern. Algumas determinavam que os PC combinariam ações legais com ilegais, fariam campanhas de agitação e propaganda com foco nos exércitos, seriam partidos internacionais subordinados ao PCUS e renunciariam ao patriotismo e à paz social. Por tudo isso, e com o PCB submisso à União Soviética, o socialismo já nasceu incompatibilizado com as Forças Armadas brasileiras, instituições exclusivamente leais à nação, legalistas, patrióticas e fiadoras da paz interna.

A revolução socialista faz um trabalho permanente de acumulação de forças, que culmina com tentativas de tomada do poder quando o partido revolucionário considera ter alcançado condições objetivas para tanto. Foram três tentativas frustradas e a quarta está em pleno e exitoso andamento.

A primeira foi a Intentona Comunista em 1935. O traidor Luiz Carlos Prestes liderou uma frente ampla - Aliança Nacional Libertadora (ANL) - constituída pelo PCB e setores da esquerda. O golpe foi autorizado pelo PCUS e seguiu o modelo bolchevista russo de 1917, ou seja, um golpe de Estado imediato e violento. No Manifesto Revolucionário, convocando a nação, constavam os slogans: todo o poder à ANL; e pão, terra e liberdade. Na revolução bolchevista, os slogans eram: todo o poder aos soviets; e pão, paz e terra. Coincidência?

A segunda iniciativa se intensificou de 1961 a 1964 e usou a via pacífica preconizada pela URSS a partir de 1956. O golpe foi paulatinamente preparado por meio da infiltração em instituições e setores estratégicos, a fim de viabilizar pressões de base e de cúpula para desestabiliza-los, e por meio da subversão (agitação e propaganda), para criar o clima revolucionário e motivar a sociedade para o golpe. Em 1963, Luiz Carlos Prestes declarara que o Brasil disputava a glória de ser o segundo país do continente a implantar o socialismo e que o PCB estava no governo, mas ainda não tinha o poder.

A terceira tentativa foi preparada desde o início dos anos 1960 e se intensificou a partir de 1966. Empregou a forma violenta (linha maoísta) - luta armada prolongada - modelo fortalecido após o fracasso da via pacífica de linha soviética. A revolução socialista recebeu outro duro golpe, mas atrasou por dez anos a redemocratização almejada pela nação. A esquerda revolucionária não teve o reconhecimento de nenhuma democracia e de nenhum organismo internacional de que lutasse por democracia ou representasse parte do povo brasileiro.

A redemocratização, em 1978, não foi obra da luta armada, então totalmente desmantelada, mas sim do governo militar, da oposição legal e da sociedade civil ordeira.

Porém, a revolução socialista é perene e, hoje, ela acumula forças para a quarta tentativa de conquistar o poder. Emprega a via pacífica de linha gramcista, estratégia de longo prazo que vem desde os anos 1960.

O PT, substituto do PCB e do PCdoB na liderança da revolução, pretende a hegemonia sobre a sociedade para controla-la; e neutralizar o aparato de segurança do Estado, de modo a tomar o poder, destruir o Estado burguês e implantar o regime socialista. A investida sofreu um revés com a saída do PT do governo, mas ele manteve o controle de setores importantes de uma sociedade enfraquecida pela destruição de valores atiçada, há décadas, pela revolução socialista. O PT é um partido socialista, de acordo com os seus próprios documentos, e o fato de muitos de seus líderes terem sido corrompidos pela ganância de poder e riqueza não significa que ele não seja ideológico. É um partido ideológico-fisiológico.

Países com grave divisão ideológica têm altos índices de instabilidade, insegurança interna, debilidade no cenário externo e o futuro comprometido. Isso acontece, em prazos mais curtos, com nações politicamente imaturas e não desenvolvidas, cujas sociedades têm baixos níveis de educação, cultura e civismo. Da mesma forma, o paulatino enfraquecimento das potências ocidentais se explica pela crescente cisão ideológica interna e perda de valores tradicionais, cívicos e cristãos após a introdução da ideologia socialista, particularmente, com sua exitosa pregação da contracultura em suas sociedades. A queda das

grandes potências é algo histórico e começa pela decadência moral. No entanto, quando uma nação alcança um alto nível de desenvolvimento e superioridade militar e científico-tecnológica a decadência se arrasta por décadas ou séculos, como foi com Roma, Reino Unido e URSS.

O Brasil tem duas forças internas destrutivas. A liderança política fisiológica, não discutida nesse artigo, e a da revolução socialista permanente, ambas incompetentes para governar, corruptoras, corrompidas e aliadas de 2003 a 2016. A permanência da primeira ou a volta da segunda ao poder comprometerão a paz social, a unidade política, a grandeza moral e o futuro do Brasil.

Nunca antes na história desse país, uma aliança lhe causou tanto mal.



VOCÊ SABE O QUE FOI A "MARCHA DO SAL" DE GANDHI?

No dia 7 de março de 1930, Mahatma Gandhi fez o que ficou conhecido como a Marcha do Sal, visando arrancar a independência da Índia do Império Britânico. Depois de um percurso a pé de 300km, chegou no dia 6 de abril de 1930 ao litoral do Oceano Índico. Entrou na água e pegou em suas mãos um pouco de sal. Por este gesto irrisório e altamente simbólico, Gandhi incentivou seus compatriotas a violarem o monopólio do estado sobre a distribuição de sal. Este monopólio obrigava a todos os consumidores indianos, inclusive os mais pobres, a pagarem um imposto sobre o sal e lhes proibia recolhê-lo eles mesmos. É análogo à "gabelle" que, sob o Antigo Regime gravava o sal na França. Na praia, a multidão, nutrida de vários milhares de simpa-tizantes, imitou o Mahatma e recolheu água salgada em recipientes. Seu exemplo foi seguido por todo o país. De Karachi a Bombai, os indianos evaporavam a água e recolhiam o sal em plena luz do dia, desafiando os britânicos. Estes últimos enchiam seus cárceres com 60.000 ladrões de sal indianos. A Marcha do Sal representou para os hindus o equivalente ao motim do chá em Boston, que levou os Estados Unidos à independência.

O espírito de corpo dos militares

Cel Rodolfo Tristão Pina

"(...) um grupo não é somente uma autoridade moral regendo a vida de seus membros (...) ele libera um calor que aquece e reanima os corações, que os abre à simpatia e derrete os egoísmos" (Durkheim, 1978:30). Embora carregado de figuras de linguagem, esse texto de um dos autores clássicos da Sociologia descortina um campo fértil para o surgimento do espírito de corpo nos agrupamentos sociais.

Haroche (2006:10) definiu 'espírito de corpo' como: sentido genérico de 'espírito de grupo' que, em certos aspectos, se confunde com o 'espírito comunitário', o 'espírito tribal' e 'clânico' e também com o espírito sectário" (apud: Freud, 1921/1997). Outro autor assim

o define: "... recurso coletivamente incorporado que permite a cada um dos membros de um grupo integrado de participar do capital individualmente adquirido por todos os outros". (Bourdieu, 1989: 258-259, apud: Cunha e Hering, 2012: 251 e 256).

Via de regra e notadamente no meio militar, o espírito de corpo não deve ser confundido com o corporativismo no seu sentido distorcido, entendido nessa ótica como instrumento que privilegia interesses de uma categoria e que, por vezes, atenta contra a ética e os valores.

Isso é, em certa medida, fácil de explicar, pois na 'cultura militar' a servidão do trabalho na caserna dependente da sinergia do sistema de valores pessoais e coletivos. O profissional militar é preparado para o exercício cívico da violência levado às últimas consequências, e ninguém em paz de espírito e sã consciência conseguiria puxar o gatilho se não estivesse firme no propósito dos preceitos castrenses que comunga e que jurou defender, com o sacrifício da própria vida.

Como reflexo de uma identidade coletiva, formada a partir de uma espécie de relação simbiótica de seus integrantes, o espírito de corpo dos militares se forja nas escolas de formação, em qualquer nível, onde a *práxis* é transmitida de geração em geração por militares mais antigos. Esses chamados instrutores veem os seus instruendos como aprendizes que, paulatinamente, irão substituí-los e carregarão parte do legado profissional que foi transmitido, uma forma de herança familiar na lógica da sucessão.

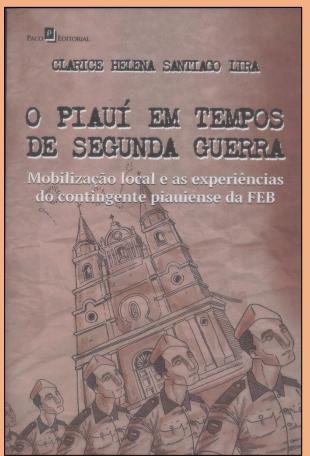
Aos militares, o espírito de corpo não é uma representação, mas um verdadeiro laço real e necessário ao desempenho da função. Nesse meio, rivalidade e desconfiança são deixados de lado, porque tudo é pelo coletivo e em prol do grupo. Essa dinâmica, embora possa parecer contraditória, é favorável ao surgimento da iniciativa e da liderança. Como explicar as calorosas e concorridas reuniões de turma das escolas militares, passados 40, 50 anos de formação? Como explicar o sentimento de pertencimento ao segmento militar entre civis, mesmo quando inexistem as condições do compromisso legal do serviço? O espírito de corpo abre o leque de respostas a grande parte dessas perguntas.

Sou oficial da turma de formação do ano de 1993 da Academia Militar das Agulhas Negras (escola de formação dos oficiais de carreira do Exército Brasileiro). Foram pouco mais de 500 (quinhentos) aspirantes que se formaram naquela oportunidade.

Curioso que, passados mais de 24 (vinte e quatro) anos daquele momento, guardamos ainda um forte sentimento de camaradagem e apreço quando reencontramos um companheiro da turma, mesmo que o convívio no passado tenha sido curto. Nesses reencontros, mesmo os menos conhecidos se tornam "os amigos mais próximos" pelo simples fato de pertencerem à turma. Esse mecanismo de identificação com o outro é resultado do espírito de corpo. Transferimos a todos do grupo, indistintamente, o mesmo sentimento de camaradagem.

O espírito de corpo é, portanto, uma face visível do alto grau de endogenia da Instituição Militar, construído no sacrifício das experiências da caserna, principalmente, nas adversidades e na superação dos limites, por isso ele tem conotações próprias em nosso meio, diferentemente de outros grupos. É uma das características basilares que mantém as Forças Armadas vivas e será o mecanismo de coesão em tempos de crise, o sustentáculo da nossa hierarquia e disciplina.





OBRA RECEBIDA POR DOAÇÃO

A AHIMTB/RS recebeu a obra cuja capa está ao lado, de autoria da historiadora piauiense Clarice Helena Santiago Lira.

O livro trata dos expedicionários da FEB mobilizados no estado do Piauí a partir de 1943.

A obra está à disposição dos integrantes e interessados na nossa biblioteca.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta: http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/

FELIZ ANO NOVO A TODOS!